



CONSIDERAÇÕES DE FREUD E NIETZSCHE A RESPEITO DA TRANSITORIEDADE

Giovanna Fernandes Roza

Resumo

Pretende-se com este artigo apresentar uma análise a respeito de considerações freudianas sobre existência e perdas, a partir do texto “*Sobre a Transitoriedade*”. Através da pesquisa bibliográfica qualitativa, direcionamos a atenção para uma conversa entre Freud e Nietzsche, pois percebemos que os conceitos psicanalíticos freudianos complementam os pensamentos nietzschianos, buscamos articular um diálogo entre a psicanálise e a filosofia. Apresentaremos reflexões a respeito de nossa existência em conjunto com as diversas perdas libidinais, que originam um modo peculiar de sobreviver e nos acarretam extremo sofrimento. Freud acreditava que não deveríamos adoecer na transitoriedade das coisas, visto que tudo está fadado à extinção, já para Nietzsche não termos o controle do tempo cronológico resulta em uma marca do trágico. Concluímos que não há como adormecer a temporalidade, o desejo de que o objeto amado seja eterno direciona o sujeito à negação do passar do tempo, limitando-o ao desejo da não existência.

Palavras-chave: Freud; Transitoriedade; Psicanálise; Nietzsche.

Abstract

This article intends to present an analysis about Freudian considerations about existence and losses, from the text “*On Transience*”. Through qualitative bibliographical research, we direct attention to conversations between Freud and Nietzsche, because we perceive that the Freudian psychoanalytic concepts complement the Nietzschean thoughts, we seek to articulate a dialogue between psychoanalysis and philosophy. We will present reflections about our existence together with the various libidinal losses, which give rise to a peculiar way of surviving and bring us extreme suffering. Freud believed that we should not fall ill in the transience of things, since everything is doomed to extinction, for Nietzsche not having control of chronological time results in a mark of the tragic. We conclude that there is no way to numb temporality, the desire that the beloved object be eternal directs the subject to the negation of the passage of time, limiting it to the desire of non-existence.

Keywords: Freud; Transience; Psychology; Nietzsche.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi produzido com a intenção de realizar um conversa entre os autores Freud e Nietzsche, a respeito da existência e perdas. Após realizarmos a leitura do texto *Sobre a Transitoriedade* de Freud (1916/1974), acreditamos que devemos realizar maiores reflexões sobre a importância em aceitarmos a passagem do tempo, visto que não é possível eternizá-lo.

No texto citado acima o criador da Psicanálise, Sigmund Freud (1916/1974) discorre a respeito do luto e perda, durante um passeio por um

jardim com dois amigos, o poeta Rilke e um amigo taciturno. Durante o passeio, Rilke se entristece ao perceber que há flores morrendo, e não demonstrou entusiasmo, pois a beleza da natureza esvaia-se diante de seus olhos.

De acordo com Freud, essa visão do poeta sobre a transitoriedade das coisas mostra-se pessimista, pois consiste na ideia de que tudo se esvai e sempre tem um fim, levando a beleza à extinção. Rilke acreditava que não haveria razão para se dedicar a algo, já que tudo estava fadado ao aniquilamento e a transitoriedade excluiu o valor daquilo que ele poderia amar ou admirar. “Vivo e vozeio o vazio. Trago comigo um grito sem fim e não sei se é a alma ou são as entranhas o que grita em mim.” (RILKE, 1906/2013, p. 70-71).

MATERIAL E MÉTODO

A metodologia empregada neste artigo é descritiva com abordagem bibliográfica qualitativa, pois os conteúdos que serão apresentados não podem ser quantificados. A ênfase será aplicada no processo de construção do trabalho em sua totalidade, e não apenas no resultado. Através da pesquisa qualitativa nos comprometemos a buscar um conhecimento aprofundado sobre o tema.

Este artigo se proem a percorrer alguns ensinamentos de Freud e Nietzsche na busca da compreensão dos temas existência e perda, e então articulá-los com a transitoriedade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES OU REVISÃO DE LITERATURA

Em Nietzsche encontramos diversos escritos a respeito do sofrimento. Para o filósofo a dor não é algo maligno, alegava que dor e alegria são intrínsecas, pode vir a ser libertadora, transformando-se em alegria.

Freud (1916/1974), por outro lado, defendia sua visão realista trágica, acreditando que não é porque os objetos findam que perdem seu valor, significado e beleza. Para o psicanalista, a transitoriedade não retira o valor do objeto amado, e sim o contrário, através na beleza da extinção, reside o

verdadeiro aumento de seu valor. Justamente pela transitoriedade das coisas, lhes depositamos mais amor. Freud concluiu que esse sofrimento estava ligado à dificuldade do poeta em aceitar o luto pela morte daquilo que amava.

Há o sujeito que aceite a transitoriedade e acompanhe o passar do tempo, porém, há também aquele que sofra demasiadamente. No livro *A Gaia Ciência*, Nietzsche discorre sobre seu desejo pelo retorno da tragédia e sobre a morte de Deus. A partir disso, entendemos que na morte de Deus, trata-se da morte do pensamento religioso, para então nos tornamos livres. Para ele, a ruptura do momento e o passar do tempo são a instauração do trágico. (NIETZSCHE, 1882/1996).

Olhais para o alto, quando aspirais por elevação. E eu olho para baixo, porque estou elevado. Quem de vós pode ao mesmo tempo rir e estar elevado? Aquele que galga as mais altas montanhas ri de todas as tragédias lúdicas e de todas as tragédias sérias. (NIETZSCHE, 1883/1996, p. 227)

Ao falar sobre a tragédia, Nietzsche nos apresenta Apolo e Dionísio. A arte era vista pelos gregos como uma maneira de produzir um sentido à vida, e assim interpretá-la. Entende-se que o impulso de Apolo é manifestado através de elaborações oníricas, e o impulso de Dionísio, através do etilismo. O deus Apolo é responsável por proteger a presença supérflua do sofrimento, nos faz perceber a existência como algo belo, valorizando a vida e tornando o sofrimento e a tragédia suportáveis. “Com a palavra ‘*apolíneo*’ é expresso: o ímpeto ao perfeito ser-para-si, ao típico ‘indivíduo’, a tudo o que simplifica, destaca, torna forte, claro, inequívoco, típico: a liberdade sob a lei.” (NIETZSCHE, 1884/1996, p. 444)

Dionísio por sua vez mutila a dor em infinitas partes, se desarranja:

Com a palavra “*dionisíaco*” é expresso: um ímpeto à unidade, um remanejamento radical sobre pessoa, cotidiano, sociedade, realidade, sobre o abismo do perecer: o passionalmente doloroso transporte para estados mais escuros, mais plenos, mais oscilantes; o embevecido dizer-sim ao caráter global da vida como que, em toda mudança, é igual, de igual potência, de igual ventura; a grande participação panteísta em alegria e sofrimento, que aprova e santifica até mesmo as mais terríveis e problemáticas propriedades de vida; a eterna vontade de geração, de fecundidade, de retorno; o sentimento

da unidade da necessidade do criar e do aniquilar. (NIETZSCHE, 1884/1996, p. 445-446).

Esses impulsos mantêm relação com as forças do caos, um não recusa o outro. Os gregos não separavam Dionísio de Apolo, compreendiam que a tragédia se dava a partir da conexão entre essas duas forças.

Freud, por sua vez, nos apresentou o mito de Eros e Tânatos, sendo também duas forças instintivas que atuam no ser humano, a Pulsão de Vida e a Pulsão de Morte. (JORGE, 2000).

O viver é a concordância entre a medida e a desmedida, Apolo e Dionísio, Eros e Tânatos. O objetivo da obra de Nietzsche (1872/1992) é trazer o dionisiaco para a Psicologia, essas duas forças são formas de lidar com o sofrimento: ou se afunda adentro ou caminha acima.

O poeta Rilke antecipava os processos de perdas libidinais. Freud (1916/1974) nos ensina que as perdas fazem parte da vida de todo e qualquer ser humano. Se o objeto for perdido, nossa libido retornará para o próprio ego por algum tempo, e será liberada para substituí-lo por novos objetos. Para melhor compreensão, ressaltamos que Freud nos apresenta as seguintes posições frente à perda: o pensamento otimista que consiste em compreender que as perdas fazem parte da vida e que tudo que nos cerca é transitório. Em contra partida, nos deparamos com a visão pessimista, onde o sujeito reluta em compreender e aceitar que as perdas são parte do viver, resultando em uma visão sem entusiasmos perante o ciclo vital, impossibilitando o processo de superação de perdas.

O poeta se entristece ao observar flores morrendo. Essas mesmas flores podem ser vistas como um símbolo de transitoriedade, e, assim como elas, deixaremos de existir. Ao contrário de Rilke, Freud acreditava que a beleza sobrevive enquanto dermos a ela significação.

Nietzsche nos apresenta que tanto no modo de Apolo como no de Dionísio, as duas forças são manifestações da realidade. Necessitamos localizar essas forças para encarar a existência, para enfrentar nossos problemas resultantes de caminhos que escolhemos e enfrentarmos nossas

consequências. A tragédia não foi escrita para homens banais, mas sim para heróis que desejavam a luta, a guerra e o enfrentamento. De acordo com Nietzsche, ao mergulhar no sofrimento, o herói retorna revigorado (NIETZSCHE, 1883/1996).

Para o filósofo, devemos recusar remédios que aliviam aquilo que não deve ser aliviado, pois não somos seres incapazes e fragilizados, não necessitamos aceitar essa realidade medíocre que nos é imposta, não devemos aniquilar nossas forças vitais. Não é disso que se trata, não é isso que Nietzsche nos ensinou. Pelo contrário, ele nos anunciou uma vida trágica, a arte soberana de dizer sim, encarar as guerras da existência, aceitar as consequências sem sofrer com isso. “O homem trágico afirma ainda o mais acerbo sofrer: ele é forte, pleno, divinizante o bastante para isso [...] o Dionísio cortado em pedaços é uma promessa de vida: eternamente renascerá e voltará da destruição.” (NIETZSCHE, 1884/1996, p. 447).

A revolta contra a transitoriedade gera sentimentos niilistas responsáveis por enfraquecer a existência. O luto, o nada desejar, passa a ser uma atitude de vingança contra o tempo, pois a vontade está aprisionada na fraqueza, na incapacidade de não poder trazer o objeto perdido de volta, por não poder preencher o vazio e destruir tudo aquilo que está feito. A vontade, ao invés de trazer alegria, traz então angustias e dores terríveis.

O querer se libertar dessa prisão, conforme se torne capaz de desejar as coisas em seu eterno retorno, viver e aproveitar cada instante, para Nietzsche (1882/1996) esse é o *amor fati*, amar a vida e a seu término por iguais. A vontade de potência em Nietzsche é desejar a vida incondicionalmente a todo e cada momento, por toda a existência. Sendo forte o suficiente a ponto de afirmar até o mais terrível sofrimento.

À revolta contra o passar do tempo e ao apego à memória, Nietzsche denominou ressentimento. A força opositora ao ressentir seria o esquecer, pois o esquecimento oferece mobilidade à consciência, não permitindo que a dor congele o objeto, armazenando-o em traços de memórias dolorosas. Para o filósofo, a memória tida no senso comum é uma doença, afinal, de todos os animais, somos os únicos que realizamos promessa, que não conseguimos nos

livrar de traumas e perdas libidinais. Em nome da vontade de potência, a memória não deve ser uma prisão do não esquecimento, mas sim uma possibilidade de lançar-se a um futuro desejado, e assim praticar o esquecimento.

Retomando a Freud e o texto *Sobre a Transitoriedade*, percebemos que Rilke se aproxima da visão de Nietzsche sobre niilismo passivo e a finitude da vida. No niilismo, o sujeito pensa que é melhor nem viver já que a morte é algo certo, assim como o poeta, que percebe que o objeto amado é finito.

[...] abençoando a si próprio como Aquilo que eternamente tem de retornar, como um vir-a-ser que não conhece nenhuma saciedade, nenhum fastio, nenhum cansaço -: esse meu mundo *dionisíaco* do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, esse mundo secreto de dupla volúpia, esse meu “para além de bem e mal”, sem alvo, se na felicidade do círculo não está um alvo, sem vontade [...] quereis um *nome* para esse mundo? Uma solução para todos os seus enigmas? Uma luz também para nós, vós, os mais escondidos, os mais fortes, os mais intrépidos, os mais da meia-noite? – Esse mundo é a vontade de potência – e nada além disso! E também vós sois essa vontade de potência – e nada além disso! (NIETZSCHE, 1884/1996, p. 450).

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a importância da conversa entre filosofia e psicologia se justifica ao longo do trabalho apresentado, visto que as duas áreas caminham lado a lado. Ambas as ciências, podem proporcionar ao sujeito um melhor conhecimento e aceitação de sua subjetividade.

Aceitar a transitoriedade dos acontecimentos é aprender a lidar com o trágico. Como parte de nosso ciclo vital, deve-se tornar fundamental a superação das perdas dos objetos amados de maneira saudável e natural, para o nosso bem estar físico e psíquico.

O equilíbrio busca pelo seu oposto. Ao retornar de um passeio trazemos a diferença, ou seja, jamais voltamos para o mesmo lugar. A vida é dolorosa, mas também é curta para vivermos ancorados em lamentações, é passageira para tudo que desejamos dela. Apesar dos sofrimentos certos, a vida é arte,

é a consistência da sabedoria trágica, aceitar e afirmar a existência tal como ela é.

Somos apegados ao que amamos, e principalmente percebemos quando o objeto no qual investimos tanta libido se finda. Ao tornarmos isso consciente, não precisamos ceder à tristeza, podemos então, aceitar a transitoriedade, fazer uso da vontade de potência e do *amor fati* e aprender a lidar com as perdas e lutos de uma maneira favorável.

Após a reflexão do texto *Sobre a Transitoriedade*, compreendemos que Rilke antecipava o processo de luto, concluímos que as perdas fazem parte da existência, desde o nascimento, ao passar pela infância, adolescência, adultez e velhice. As perdas não devem ser articuladas a pensamentos pessimistas, devemos assumir que essa realidade é essencial para aprendermos a lidar com os sofrimentos ao longo de nossa vida e compreendermos que não somos donos do tempo. Afinal, o que é o tempo?

Referências

FREUD, Sigmund. (1917). **Luto e melancolia**. Obras completas, ESB, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930). **O mal-estar na civilização**. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1916). **Sobre a transitoriedade**. Em: S. Freud, Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. 1974

JORGE, Marco. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: As bases conceituais**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. (1882). **A Gaia Ciência**. Obras incompletas. São Paulo: Nova Cultura Ltda. 1996.

_____. (1884). **O Eterno Retorno**. Obras incompletas. São Paulo: Nova Cultura Ltda. 1996.

_____. (1887). **Genealogia da moral**. Obras incompletas. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. (1872). **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. (1883). **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Obras incompletas. São Paulo: Nova Cultura Ltda. 1996.

RILKE, Rainer. **O livro de imagens** (Paris, 12.6.1906). Em: CAMPOS, Augusto (tradução). *Coisas e anjos de Rilke*. São Paulo: Perspectiva. 2013, p. 70-71